

A DEFESA DA MORAL RELIGIOSA DURANTE A GRANDE EPIDEMIA DE 1855

Ediana Ferreira Mendes *

RESUMO: *Este trabalho tem como objetivo central analisar o discurso religioso empregado por Antonio da Cruz Cordeiro, um jovem estudante de medicina da Bahia, em uma obra intitulada “Impressões da Epidemia” publicada em meados do século XIX, tendo como pano de fundo a grande epidemia de cólera-morbo que assolou nos anos de 1855-56 a província baiana.*

Palavras-chave: Epidemia; Bahia; Século XIX; Moral cristã

Os tempos de crise são marcadamente períodos de uma maior aproximação do fiel com a sua religião, seja para solicitar ajuda ao divino ou devido à crença de que a crise seria um reflexo da ira de Deus contra a corrupção humana presente naquela sociedade. Não foi diferente nos anos de 1855-56 quando a Bahia foi assolada pela epidemia de cólera-morbo¹. O mal já havia feito muitas vítimas em diversas províncias do império, entretanto foi na capital baiana que atingiu a população com maior força. Doença altamente contagiosa, o cólera atingiu a população pobre, principalmente negra ou mulata, com mais impacto provocando caos por onde passava. A comunidade médica demorou a reconhecer a existência da epidemia e as primeiras medidas tomadas pelo Governo para evitar o alastramento do mal, como as quarentenas feitas nos navios aportados na cidade, foram ineficazes. O flagelo provocou uma alta mortalidade dos escravos e, conseqüentemente, uma crise no comércio interno e externo, além de escassez e carestia dos alimentos. O desconhecimento das causas da doença e a força com que atingiu a cidade do Salvador e o Recôncavo levariam a muitos de seus contemporâneos a associar a manifestação do mal à ira divina. Exemplos desse discurso estão presentes em algumas cartas pastorais e em trechos de outros escritos do então arcebispo da Bahia e primaz do Brasil, D. Romualdo Antonio de Seixas. Como escreve o historiador Onildo R. David, “para o arcebispo a epidemia não seria proveniente dos miasmas ou qualquer outra causa natural, não originalmente. O cólera resultaria, antes, da vingança de Deus contra os pecados humanos” (DAVID, 1996, p 89) . A preocupação com o bem-estar espiritual dos baianos, entretanto, não se restringiria aos homens de igreja. Antonio da Cruz Cordeiro, estudante da Faculdade de Medicina de Salvador, em uma obra intitulada “Impressões da Epidemia”, publicada em 1856, também iria associar a destruição causada pela epidemia ao castigo divino. Esta obra, objeto de análise da presente comunicação, propõe, inicialmente, descrever todo o horror e o flagelo que se abateu sobre a cidade. No entanto, seu autor foge por vezes do seu objetivo inicial para exaltar o papel da religião para a humanidade e indicar caminhos para que a população, através da contrição e penitência, abandone os antigos vícios em favor da verdadeira virtude cristã.

Não foram o arcebispo e o estudante originais em suas concepções, eles estavam inseridos em uma antiga tradição que se manteve ao longo do Antigo Regime. O sentimento de

* Aluna do 6º semestre da graduação em História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, orientada pelo Prof. Dr. Evergton Sales Souza.

¹ Sobre o contexto da epidemia de 1855, ver principalmente Johildo Lopes Athayde. **Salvador e a Grande Epidemia de 1855**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1985 e Onildo Reis David. **O Inimigo Invisível. Epidemia na Bahia no Século XIX**. Salvador, EDUFBA, 1996

culpa pelo pecado e a necessidade da penitência afloravam tradicionalmente no seio da comunidade cristã em momentos de crise.

Apesar de faltar informações concretas sobre o autor, pode-se afirmar que Cordeiro pertencia a um grupo social mais abastado. Em meados do século XIX, existiam apenas duas faculdades de medicina em todo o Brasil: uma em Salvador e outra no Rio de Janeiro. O fato de ser estudante de medicina e de demonstrar conhecimento de um grande número de autores e obras – como fica patente em seu livro - são, sem dúvida, elementos reveladores de sua condição social.

DESPERTAR A CÓLERA DO SEU CRIADOR

Tudo respira tristeza; os dias conservam-se sombrios e feios; e as noites enlucadas e umidas!... Parece que a justiça dos céus se conspira contra os crimes da terra; e já assim o traduzo povo que é sempre o propheta dos séculos. (CORDEIRO, 1856, p 4)

Através destas palavras, Cordeiro demonstra como seu pensamento está enraizado nos fundamentos da religião e evidencia o cerne da obra que se propôs a escrever. A gênese de todo mal era a corrupção humana, como a ambição descomedida dos senhores de engenho ou os lucros altos obtidos pelos comerciantes no momento da epidemia, exemplos citados durante o livro (CORDEIRO, 1856, p 57-58 e 98). O autor indigna-se com o fato de que tais atitudes possam ocorrer em uma sociedade cristã. Os homens despertaram, então, a cólera do seu criador. O ser humano é o único que se destrói em estado de liberdade, opta pela perdição ou pelo caminho da fé. Cordeiro clama para que Deus não tenha piedade destes homens corruptos e dê a eles as lições que merecem.

Identificada a causa do mal, o pecado, a única solução possível era a contrição e a penitência perante o divino. Os indivíduos deveriam fazer sacrifícios em prol do próximo para serem purificados e merecerem a misericórdia divina. Em outros casos, parece ser o próprio martírio que credenciava aquela população a ser merecedora da piedade de Deus, como se pode ver no seguinte trecho:

Desanimo, confusão, morte, e uma enfiada de miserias – eis o que era a cidade de Sancto Amaro, quando o proprio filho de Jehovah commoveu-se de vê-la, e enviou-lhe o anjo da salvação para substituir ao do extermínio. E um orvalho dos céus desceu sobre ella, semelhante á misericordia Divina, que outr'ora descêra sobre as tropas de David quando fugiam de Absalão. O hymno do seu povo subiu directamante aos pés de Deos, porque o martyrio purificou-o. (CORDEIRO, 1856, p. 66).

A resignação do homem perante o Senhor, a fé e a religião eram imprescindíveis para o fim do mal epidêmico. O futuro médico esperava ansiosamente pelo dia em que todos deveriam submeter-se a Deus, a felicidade estaria no fim do caminho trilhado pelo cristianismo, mas antes todos deveriam pagar pelos seus pecados.

Cordeiro relata que, após o início da epidemia, houve aumento da devoção religiosa, com os baianos indo constantemente aos templos e realizando cortejos de penitências. Esta informação é, de algum modo, corroborado por Onildo R. David, que afirma terem ocorrido diversas procissões durante o período de maior virulência da epidemia (DAVID, 1996, p. 92).

O HOMEM E A RELIGIÃO

O pensamento de Cordeiro está vinculado em grande parte à apologética romântica do cristianismo de Chateaubriand. Este, segundo Tristão de Athayde, no prefácio de “O gênio do cristianismo”(CHATEAUBRIAND, 1956), inaugura uma nova fase na literatura humana, privilegiando o sentimental em detrimento do racional. Para Chateaubriand a humanidade, após o “caos” revolucionário de 1789, ficou com sede de fé, ávida das consolações religiosas. Seu objetivo ao escrever “O gênio do cristianismo” foi o de construir um muro em defesa do cristianismo, contra aqueles que insistiam em atacá-lo, como os racionalistas seguidores de Voltaire, os sofistas e os heresiarcas. Chateaubriand ambicionava restituir a influência que a religião cristã exercia sobre toda a sociedade nos séculos anteriores. Esta obra, um clássico da literatura francesa, exerceu grande ascendência no jovem estudante de medicina. Com efeito, Cordeiro assume a missão em defesa da religião seguindo o exemplo do seu ícone literário, como pode-se ver na seguinte passagem:

Ainda assim o edifício christão, vendo á seus pés rolar ondas de sangue, permaneceu inabalavel e sobranceiro, e sua victoria foi completa. E o será sempre, porque a crença universal cada vez mais se solidifica no coração das gerações modernas para a garantia de um futuro lisongeiro. (CORDEIRO, 1856, p 177)

O estudante oitocentista acredita piamente na contrição verdadeira do povo. E a partir da constatação da realidade passa a refletir sobre a relação do homem com a religião. Para o autor, o sentimento religioso é inerente ao homem e exemplifica como prova de sua afirmação a existência deste nos povos mais distantes e bárbaros. A religião é necessária à vida do homem, é ela que preenche o vácuo da existência humana: “Miseráveis são aquelles que um só instante tentam esquecê-la!” (CORDEIRO, 1856, p 141) afirma o escritor com certa indignação.

O autor, no intuito de demonstrar a supremacia da religião, ainda traça parâmetros de comparação entre esta e o ateísmo. Todos os homens nascem com o sentimento de Divindade, no entanto alguns se corrompem e tornam-se “indignos do senhor supremo”. Estes são os ateus, representantes da mesquinhez humana, dos sentimentos impuros e dos males. Os ateus têm uma “vida de cegueira” e os momentos de dúvida apenas são as provas concretas de que todos nascem com a presença divina. Cordeiro repete aqui os mesmos argumentos de Chateaubriand (CHATEAUBRIAND, 1956), a religião representa a grandeza, a beleza, a sensibilidade, o amor e a ternura, enquanto o ateísmo oferece apenas a peste e a lepra, reduz tudo ao instinto animal, ostenta um coração sem a capacidade de comover-se.

O discurso sobre a imperfeição do gênero humano e sobre a sociedade egoísta e corrupta, causas do mal epidêmico, ilustra o real objetivo do autor: ratificar a supremacia da religião cristã católica. Para Cordeiro, o advento da religião de Cristo trouxe à humanidade luz, retirando-a das trevas da ignorância. A verdadeira moral, as idéias mais filantropas e a caridade teriam surgido nesse momento; o progresso da inteligência parte do cristianismo e de suas instituições.

A preocupação do jovem autor com a salvação do homem fica patente quando narra a história de uma mulher moribunda. De todas as cenas do flagelo vistas pelo médico, parece ter sido esta a que mais o marcou, concedendo uma atenção maior à narração e à descrição de todo o cenário de miséria e insalubridade presente ali. Cordeiro conta que estava voltando para o hospital depois de mais um expediente cansativo, quando foi abordado por um homem mulato de aparência simples. Este homem procurava desesperadamente um médico para auxiliar a sua vizinha que tinha sido acometida pela epidemia reinante. Cordeiro, após uma breve hesitação,

aceita ir socorrer aquela mulher. O quadro encontrado certamente o chocou, uma mãe trajando poucas roupas sujas deitada em uma cama cercada por uma cena de total abandono, ao fundo somente o choro de duas crianças próximas da orfandade. Ele aplicou todos os métodos e remédios conhecidos pela medicina da época, entretanto foram todos ineficazes. Cordeiro, percebendo que nada poderia fazer para salvar a vida daquela pobre mulher, prontamente toma as medidas necessárias para resgatar uma boa alma cristã. O autor procura, então, o vizinho que outrora tentava ajudá-la, encontrando-o abatido pelo mesmo mal, mas imbuído do sentimento de que deveria salvar o mais fraco, deixa de atender ao homem para procurar algum clérigo que preste socorro espiritual à mulher. Entretanto, quando retorna àquela casa, a pobre mãe acabara de falecer. O homem morre no dia seguinte. Este trecho é bastante elucidativo para compreender a apreensão do autor acerca da realidade, já que deixa de lado sua função médica ao deixar de socorrer o homem para tentar resgatar a alma da mulher.

OS POBRES, FONTES DO PERIGO

Ao tratar sobre a epidemia de cólera-morbo durante este mesmo período no Recife, Ariosvaldo da Silva Diniz (DINIZ, 2003) afirmou que a elite local associava normalmente a incidência da doença à miséria da população, muitos deles negros ou mulatos. Os pobres eram considerados veículos da peste. Inicialmente, este grupo via como fonte de perigo somente as massas invisíveis (os miasmas), posteriormente acabou atribuindo-se também às aglomerações, à poluição e à pobreza. Segundo Diniz, a elite considerava a doença como um desequilíbrio da natureza ou sinal da providência divina. Cruz Cordeiro enquadra-se nesta mesma linha de pensamento. Ele descreve esta classe como “indivíduos mal vestidos, mal alojados, e mal nutridos; indivíduos extenuados de fadigas, perseguidos pela fome, atacados de moléstias crônicas, e devorados pelo excesso de bebidas espirituosas” são “matéria prima das epidemias”. (CORDEIRO, 1856, p 182)

A insalubridade das casas está claramente associada ao alastramento do cólera, no entanto o autor não via isso como o único motivo para essa população pobre (negra ou mulata) ser mais atingida pelo mal, ele associava também a maior propensão dessa classe social ao vício e ao pecado. Esta associação fica evidente quando narra a história de um indivíduo de “côr bastante morena” e muito pobre, mas que demonstrava ter um bom coração “embora fosse elle d’essa ultima classe do povo, em que o vicio com rapidez contamina o homem, sob os auspícios da indigência e da miséria.” (CORDEIRO, 1856, p 204).

Cordeiro afirma ainda que a fé e a religião unem o povo em tempos de peste, acabando com as distinções sociais e econômicas, “como é bello ver-se esse equilíbrio de igualdade entre o povo possuído de uma só idéia”. Não obstante, suas próprias palavras a respeito dos indivíduos “mal vestidos” e dessa “última classe do povo” são exemplos demasiado eloquentes da persistência das distinções e preconceitos sociais, mesmo em tempos de cólera.

A MULHER

Cordeiro reserva uma atenção especial às mulheres, principalmente para aquelas “mercadejadas a troco de sua própria infâmia”. Para ele, estas carregam o estigma da desonra e são vítimas da corrupção da sociedade. Inúmeros fatores levam “esta porção do gênero humano” a abandonar a majestosa posição que naturalmente ocupam para entregar-se a uma vida de lascívia: a fome e a necessidade são exemplos. Assim, o autor defende que uma análise mais

minuciosa da situação delas irá levar inevitavelmente ao perdão – fundamento importante na crença cristã, ele chega a citar o exemplo de Maria Madalena perdoada pelo próprio Deus. O destino dessas mulheres “na criminalidade” está associado a uma “fatalidade medonha”. Além disso, contesta a idéia de existirem almas fadadas ao vício, apesar de continuar afirmando a maior inclinação de certos indivíduos (negros e mulheres) à corrupção e ao pecado.

O médico utiliza-se da imagem da mulher para condenar certas práticas imorais e exaltar o papel da religião. A principal argumentação usada é uma comparação da sociedade moderna com a antiga (grega e romana) para evocar todos os benefícios adquiridos com a religião de Cristo.

Na antiguidade, segundo Cordeiro, os homens não tinham noção de pudor, exaltavam a nudez e a luxúria nas esculturas, nos cânticos e na própria religião. Para os antigos, afirma, “a falta de castidade e de pudor, a ignorancia dos predicados religiosos no sentimento do amor, e o instinto animal e grosseiro arrastavam aquellas vidas à degradação” (CORDEIRO, 1856, p 261). O tratamento dado à figura da mulher é esclarecedor nessa comparação. As mulheres antigas não prezavam pela coroa da virgindade e pelo enobrecimento que ele traz, mas julgavam “terem tocado o pomo de ouro”, ascenderem socialmente, quando se entregavam à voluptuosidade.

O advento da religião do Cristo ajustou, assim, a alma humana. O puro culto à beleza material dos antigos não é mais valorizado, pois o espírito do homem aperfeiçoou-se e a civilização progrediu. Se na antigüidade as mulheres mantinham uma vida indecorosa, na cristandade finalmente ocupavam o seu devido lugar de seres especiais, anjos da salvação capazes de promover a prática de ações nobres.

*

Antonio da Cruz Cordeiro promete, ao começar “Impressões da Epidemia”, narrar toda a destruição provocada pela epidemia de cólera-morbo na cidade do Salvador e circunvizinhanças. Entretanto, o jovem estudante de medicina ultrapassa suas intenções iniciais e traça as linhas de um discurso moral que visa, acima de tudo, a reafirmação do cristianismo católico como religião universal e verdadeira – no que parece seguir a idéia de Chateaubriand: “provar que [o cristianismo] vem de Deus, porque é excelente” (CHATEAUBRIAND, 1956, p 12). Desse modo, ele passa a identificar na realidade baiana bons e maus exemplos de comportamento social, tomando sempre por modelo e base para o seu julgamento os valores cristãos.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Johildo Lopes. **Salvador e a Grande Epidemia de 1855**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1985

CORDEIRO, Antonio da Cruz. **Impressões da Epidemia**. Typ. De Camillo de Lellis Massop & C, 1856. [consultado na Seção de “Obras Raras” na Biblioteca do Mosteiro de São Bento].

CHATEAUBRIAND. **O gênio do cristianismo**. São Paulo: Editora Brasileira Ltda, 1956, volume 1

DAVID, Onildo Reis. **O Inimigo Invisível. Epidemia na Bahia no Século XIX**. Salvador, EDUFBA, 1996

DINIZ, Ariosvaldo da Silva. **As artes de curar nos tempos do cólera. Recife, 1856**". In: CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina B.; SAMPAIO, Gabriela dos R. e SOBRINHO, Carlos Roberto G. (org). **Artes e Ofícios de curar no Brasil**. Campinas- SP: Ed. da Unicamp, 2003